

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

LIDIA DE OLIVEIRA DANTAS CAMILO
NATHALIA AFONSO DOS SANTOS

AVALIAÇÃO ESCOLAR: NUMA PERSPECTIVA DIAGNÓSTICA.

CAJAZEIRAS – PB

2005.

LIDIA DE OLIVEIRA DANTAS CAMILO

NATHALIA AFONSO DOS SANTOS

AVALIAÇÃO ESCOLAR: NUMA PERSPECTIVA DIAGNÓSTICA.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pedagogia – UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, habilitação Supervisão Escolar.

ORIENTADORA: Me MARIA DE LOURDES CAMPOS

CAJAZEIRAS – PB

2005.



C183a Camilo, Lídia de Oliveira Dantas.
Avaliação escolar: numa perspectiva diagnóstica / Lídia de Oliveira Dantas Camilo, Nathalia Afonso dos Santos.-
Cajazeiras, 2005.
45f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2005.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Avaliação escolar. 2. Concepções de avaliação. I. Santos, Nathalia Afonso Dantas. II. Campos, Maria de Lourdes. III. Universidade Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V. Título

CDU 37.091.26

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a professora Lourdes Campos. Aos nossos queridos familiares e amigos. E as professoras do SESC LER Isaac Moreira de Queiroga que conosco se empenharam em participar ativamente dessa rica experiência e a todos que estão engajados na luta por uma educação melhor.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter nos dado a vida, pelo dom da sabedoria, pela fé e coragem com que vencemos mais uma etapa de nossas vidas;

A universidade por ter nos proporcionado todo o acesso aos bens culturais necessários a nossa formação;

Aos nossos professores, verdadeiros colaboradores desta conquista, pela atenção e delicadeza que sempre nos dispensaram, elevando, assim, o nosso conceito de mundo e homem.

Aos nossos pais e familiares, que, incansavelmente, lutaram por nós e nunca se deram por vencidos na difícil escalada da vida, tão somente para nos verem hoje com o prêmio da vitória em nossas mãos.

"Na medida em que a avaliação gradualmente passa a fazer parte da paisagem, ela não precisa mais ser uma parte separada do restante da atividade de sala de aula. Como num bom aprendizado, os professores e os alunos estão sempre avaliando. Também não existe necessidade de 'ensinar para a avaliação', pois ela é onipresente; na verdade, a necessidade de testes formais poderia atrofiar-se totalmente."

Gardner (1995)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I	
1. REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO AVALIATIVO NO	
CONTEXTO ESCOLAR.....	9
1.1 Breve histórico da avaliação da aprendizagem.....	9
1.2 Concepções de avaliação.....	12
1.3 Funções da avaliação.....	15
1.4 Perspectivas da avaliação escolar.....	16
CAPÍTULO II	
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
2.2 Breve caracterização da instituição escolar.....	23
CAPÍTULO III	
3. ANÁLISE DOS DADOS.....	25
CAPÍTULO IV	
4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO	
SUPERVISIONADO.....	31
5. CONCLUSÕES.....	38
6. REFERÊNCIAS.....	40
7. ANEXO.....	42

INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre Avaliação no âmbito da Educação Escolar, nos leva pensar a sua função, o papel social do professor, a razão da existência da Escola. Traz a discussão sobre inclusão e exclusão, privilégios e direitos, direitos e obrigações, instrução e formação, que alunos queremos formar que escola estamos construindo para a nossa sociedade.

O *foco* deste trabalho concentra-se na questão da avaliação escolar, tendo como público alvo os professores do Centro Educacional SESC LER Isaac Moreira de Queiroga, das séries iniciais, com o objetivo de analisar o processo avaliativo desenvolvido pelos professores desta instituição, sobretudo alfabetização de Jovens e Adultos da cidade de Sousa-PB. Isto porque o tema avaliação, foi bastante enfocado na nossa discussão em várias escolas públicas, a escolha do tema surgiu do interesse dos professores e assim, surge o nosso interesse para também nos debruçarmos a esses estudos mais aprofundados sobre a avaliação escolar.

Os educadores de hoje têm enfrentado diversos problemas no desenvolver do seu trabalho, pois, tratar seu objeto de trabalho e seu público adequadamente, quer dizer, se relacionar com eles conforme os novos conceitos das relações sociais e como entender as múltiplas dimensões do exercício da cidadania.

A princípio, os educadores sentem uma decepção, pois se empenham em fazer o melhor na exposição do assunto, na organização das aulas e quando chega à hora da avaliação, aliás, da “prova” (comumente tratada) os resultados revelam resultados desanimadores. Então, as explicações vão desde “os alunos não querem nada com os estudos” até “a culpa é toda minha, não consegui fazê-los entender a matéria”. Este é um sentimento geral e tem empurrado muitos educadores para o aprofundamento desse estudo sobre avaliação.

Ao se falar de avaliação escolar, verificamos constantes e polêmicas questões que tratam da dificuldade de avaliar a aprendizagem do aluno. A partir disso, podemos nos perguntar a priori o porquê da existência dessa dificuldade? Isso no intuito de construirmos

uma base mais sólida para a elaboração de uma concepção do que é avaliar, para que avaliar, e como avaliar, bem como as perspectivas e as dificuldades para a realização de tal processo.

Neste trabalho, não nos preocupamos com a constatação do fracasso quantitativo numericamente definido nas escolas, ou mesmo buscarmos quem é o “culpado” de tudo isso. Objetivamos aqui, refletir e tentar sugerir uma avaliação que possa ser colocada em prática de fato, uma avaliação que perpassa dos discursos e dos projetos.

Entendemos que para tal objetivo é necessário, inicialmente nos opormos a simplificação desse problema. É muito simples tratar a avaliação ao nível de importância de seus instrumentos. Alguns teimam em entender por avaliação os tipos de provas, de exercícios, de testes, de trabalhos etc. Não compreendem a avaliação como um processo amplo da aprendizagem, indissociável do todo, que envolve responsabilidades do professor e do aluno. Ao tratar a avaliação dessa forma, afastam-na de seus verdadeiros propósitos, de sua relação com o ensinamento, de seu aspecto formativo.

Num outro momento, é importante tratarmos da análise da competência da escola, dos professores, a adequação da avaliação quanto aos aspectos cognitivos dos estudantes, da responsabilidade da escola quanto ao processo avaliativo, bem como o reducionismo pedagógico da escola sobre este processo como sendo instrumento de poder, o qual a escola pode, deste modo, praticar a educação para a submissão dos cidadãos ao sistema econômico vigente no país.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos: no primeiro capítulo o referencial teórico onde apresenta reflexões sobre o processo avaliativo no contexto escolar, no segundo capítulo os aspectos metodológicos, no terceiro capítulo a análise dos dados, no quarto e último capítulo as atividades desenvolvidas no estágio supervisionado. E por fim as conclusões com todos os resultados do trabalho.

CAPÍTULO I

1. REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO AVALIATIVO NO CONTEXTO ESCOLAR

1.1 Breve histórico da avaliação da aprendizagem

A maior dificuldade que se tem hoje, na discussão sobre a avaliação, é enxergá-la como um processo. A idéia de processo não é fácil de ser assimilada. Porém, é o seu entendimento que determina o quanto se pode compreender sobre os vários aspectos e as várias dimensões que a Avaliação possui. É preciso discutir o assunto, o que se entende por ele, que imagens ele nos sugere. Pode significar para muitos, uma linha reta com percurso definido, tempo definido, tamanho estipulado. Pode significar também um caminho cheio de variáveis, sem pontos de parada preestabelecida. Sugere ainda a noção de movimento, de evolução, algo que não para, que está sempre se transformando.

Neste caso, Saul diz que entendemos por avaliação em seu sentido amplo, as atividades associadas às experiências cotidianas do ser humano, deste modo, freqüentemente nos deparamos analisando e julgando a nossa atuação e a dos nossos semelhantes, os fatos de nosso ambiente e as situações das quais participamos, e esta avaliação que fazemos de forma assistemática, por vezes inclui uma apreciação sobre adequação, eficácia de eficiência de ações e experiências, envolvendo sentimentos e podendo ser verbalizada ou não (1995, p.25).

A avaliação escolar é um sistema de informações que tem como objetivos fornecer diagnóstico e subsídios para a implementação ou manutenção de políticas educacionais. Ela deve ser concebida também para prover um contínuo monitoramento do sistema educacional com vistas a detectar os efeitos positivos ou negativos de políticas adotadas.

Contudo, faz-se necessário, uma breve abordagem histórica sobre a questão da avaliação escolar, para um melhor entendimento e possíveis reflexões acerca desta temática, bem como possibilitar subsídios para o apontamento de alguns caminhos para uma avaliação mais adequada para nosso sistema educacional.

Recorremos inicialmente ao trabalho de Ana Maria Saul (1998), que aborda historicamente a questão da avaliação, tendo como primeiro foco a *avaliação da aprendizagem*, isto é, o objeto é a aprendizagem do aluno. Esta corrente predomina no Brasil até meados dos anos 70, onde o controle do currículo e do planejamento é o principal objetivo, e o que se busca é a medida, uma manipulação matemática de dados. A autora reporta-se ao ideário pragmático behaviorista americano, que subordina a avaliação a uma série de quesitos comportamentais. Podemos encontrar as raízes dessa invasão já nos acordos MEC-USAID, que tiveram início por volta de 1963, com a formação de técnicos brasileiros nos EUA.

No Brasil, as correntes mais ligadas ao pragmatismo inglês, americano são bons exemplos. Os testes ABC servem como exemplo bastante concreto aplicado em 1934 no Rio de Janeiro. Teste não mede coisa alguma, permite critério de diferenciação, classificação ou hierarquização. Saul aponta esses elementos, e pode-se dizer que permanecem até os nossos dias.

O segundo enfoque apontado por Saul é o *curricular*, novamente subordinado às mudanças ocorridas nos Estados Unidos, a respeito da avaliação escolar. Neste sentido, a avaliação que se igualava a medida do rendimento do aluno, numa tentativa de mensurar o comportamento, centrada no educando, passa a abordar o currículo como elemento do processo avaliativo. Proliferam-se assim, os materiais pedagógicos para o aluno, acompanhados dos manuais instrucionais para os professores. Esta vertente penetrou no mundo acadêmico, chegando mesmo a ser subsidiada por leis, decretos e pareceres.

Entretanto, Saul mostra-nos que, por volta de 1978, começaram aparecer trabalhos de uma ótica qualitativa e apresenta o terceiro enfoque, sob o qual analisa a história da avaliação, no sistema educacional brasileiro. Este enfoque tem uma substancial importância principalmente pela clareza que demonstra a respeito da necessidade de uma transformação estrutural, de um novo olhar, de novos paradigmas:

A proliferação de trabalhos nesta vertente dependerá de uma mudança nas crenças dos avaliadores, de uma disposição para esposar um novo paradigma alternativo, com todos os compromissos que nele envolve, bem como enfrentar, com competência, dificuldades para adentrar um campo apenas inicialmente explorado (Saul, 1988, p.42).

Assim, utilizando-se das categorias *quantitativo e qualitativo*, Saul vai analisar os processos avaliativos. A vertente sob a égide do *quantitativo* liga-se à abordagem positivistas dos modelos da ciência experimental. Este tipo de abordagem conduz a um tecnicismo que Saul chega a denominar de “Burocrático”. No campo *qualitativo*, é necessário reconhecer-se sua complexidade, tendo em vista o seu caráter relativo, intencional e valorativo, através do qual passamos, com certeza, por aspectos simbólicos a culturais.

Contudo, apesar do caráter quali-quantitativo da avaliação educacional, vários autores têm se debruçado na análise crítica e contundente do papel que desempenha a avaliação quanto à manutenção de um determinado modelo de sociedade.

Deste ponto de vista, a avaliação escolar serve como instrumento de controle social e proporciona a reprodução dos valores da sociedade dominante dos alunos aos limites que a vida social anuncia. A avaliação irá selecionar o bom aluno do mau aluno. com isso surge um questionamento: avaliar para quê nesta perspectiva? Para hierarquizar, excluir, selecionar, classificar, verificar, rotular e alienar?

Desde muito tempo, a avaliação escolar se processa como elemento de verificação; se o aluno memorizou os conteúdos que constam no currículo, onde os educandos eram vistos como incapacitados de aprender. Neste sentido, Tradicionalmente, quando pensamos a avaliação educacional a tendência é imaginar que ela depende fundamentalmente da objetividade, sistematização, do quanto se aprendeu ou ensinou algo, bem como que mudanças de comportamento a ação educativa provocou. Logo, pensamos na importância de se dominar técnicas e metodologias acertadas, eficientes e eficazes, racionais e competentes. Avaliar é, pois uma questão de medir e/ou saber como medir, controlar e julgar algo.

Nesse sentido, não cabe pensar a condição humana, indagar sobre o que é e para que do homem ou mesmo para qual sociedade está se querendo avaliar, principalmente se se trata de avaliação institucional. Saul coloca a avaliação sistematizada como algo recente em termos históricos. A avaliação da aprendizagem do aluno é a vertente mais antiga, remonta o início do século XX.

No entanto, ainda hoje a postura da educação tradicional continua em nossas escolas, visto que é expressa em forma diferente de antigamente. Assim, foi perdendo o caráter de agressão física (o caso da palmatória, ficar de castigo de joelho...) e tornando-se cada vez mais sutil, pois a violência perde o seu caráter inicial e manifesta-se atingindo a personalidade do educando (a violência agora é muito psicológica, exemplo: o professor ameaça o aluno, diz que vai chamar os pais, que vai tirar ponto do aluno...). A avaliação, nesta concepção, é motivo de repressão pelo qual o professor não dá importância o que foi construído ao longo de um processo de ensino- aprendizagem. Esta avaliação é a forma de testar e medir os acertos e erros dos indivíduos.

1.2 Concepções de avaliação

Muitas adjetivações têm sido postas ao termo "avaliação", numa tentativa desesperada de superação das concepções aplicadas e de construção de modelos alternativos, para que professores administradores e formuladores de políticas educativas mais globais sejam mais consistentes e conseqüentes no desempenho dos alunos.

A avaliação em seu sentido restrito é o procedimento docente que atribui símbolos à fenômenos cujas dimensões foram medidas, a fim de lhes caracterizar o valor, por comparação com padrões prefixados. Enquanto a medida constrói-se mais em cima de juízos de fato (denotações consensuais pactuadas), a avaliação se edifica sobre juízos de valor (conotações construídas a partir das visões de mundo).

Neste contexto, trava-se uma batalha entre os estudiosos pelo monopólio da verdade e da precisão do conceito, surgindo também uma variação conceitual na razão direta da diversificação das concepções pedagógicas assumidas. As concepções de avaliação derivam das de educação, e se tentarmos levantar os diversos conceitos de avaliação, certamente encontraremos tantos quantos são seus formuladores, e é claro que em cada conceito de avaliação traz uma determinada concepção de educação. Vejamos algumas definições encontradas nos autores de renome:

Segundo Bradfield & Moredock, (1963, p.16) “avaliação é o processo de atribuição de símbolos a fenômenos com objetivo de caracterizar o valor do fenômeno, geralmente com referência a algum padrão de natureza social, cultural ou científica”.

Essa definição reflete claramente a postura classificatória dos autores, pois consideram a avaliação como um julgamento de valor, com base em padrões consagrados e tomados previamente como referência. Estes autores denotam uma postura positivista, na medida em que não incorporam a idéia de que os padrões científicos são também socialmente elaborados.

De acordo com Haydt, (1988 ,p.10) “avaliar é julgar ou fazer apreciação de alguém ou alguma coisa, tendo como base uma escala de valores [ou] interpretar dados quantitativos e qualitativos para obter um parecer ou julgamento de valor, tendo por base padrões ou critérios”.

Essa citação completa e afirma a posição tradicional anterior, Haydt praticamente repete o conceito de Bradfield & Moredock. A avaliação neste caso se volta, basicamente, para a avaliação classificatória e, portanto, para as técnicas de construção de provas e testes.

O conceito de avaliação da aprendizagem que tradicionalmente tem como alvo o julgamento e a classificação do aluno necessitam ser redirecionado [...].

[...] desponta como finalidade principal da avaliação o fornecer sobre o processo pedagógico informações que permitam aos agentes escolares decidir sobre intervenções e redirecionamentos que se fizerem necessários em face do projeto educativo definido coletivamente e comprometido com a garantia da aprendizagem do aluno. (Sousa, 1993, p.46)

No pensamento da autora, percebemos a preocupação em não se enquadrar na “teoria tradicional”, propondo um “redirecionamento” do julgamento e da classificação presentes nas concepções anteriores. Voltada para uma visão diagnóstica, na qual a avaliação passa a ser um processo de verificação e de pesquisa das mudanças de estratégias e instrumentos que interferem na condução do processo educativo, formulando a coletividade desse processo, que deve garantir a aprendizagem do aluno, mas, não avança sobre a discussão do grau de socialização desse coletivo, nem qualifica o projeto alvo de aprendizagem do aluno.

Na concepção de Luckesi (1984, p.45) “A avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho”.

Na avaliação qualitativa, os dados relevantes se referem as manifestações das situações didáticas, nas quais o professor e os alunos estão empenhados em atingir os objetivos do ensino, através da análise de provas, exercícios, respostas dos alunos, realização de tarefas, etc, permite uma tomada de decisão para o que deve ser feito em seguida.

De acordo com o pensamento de Libâneo (1994), podemos definir a avaliação escolar como um componente do processo de ensino que objetiva, através da verificação e qualificação de resultados obtidos, determinar a correspondência dos mesmos com os objetivos propostos e, a partir disso, orientar a tomada de decisões em relação às atividades pedagógicas posteriores.

Os papéis que a avaliação desempenha durante os diversos momentos do processo de ensino variam entre três vertentes: a verificação (coleta de dados sobre o aproveitamento dos alunos, através de provas, exercícios e tarefas); a qualificação (comprovação dos resultados alcançados em relação aos objetivos e, conforme o caso, atribuição de notas); a apreciação qualitativa (avaliação dos resultados, referindo-os a padrões de desempenho esperados).

1.3 Funções da avaliação

A avaliação escolar, segundo Libâneo (1994), cumpre pelo menos três funções: a função pedagógico-didática, a função de diagnóstico e a função de controle.

A função pedagógico-didática refere-se ao papel da avaliação no cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar. Quando comprovados sistematicamente os resultados do processo de ensino, evidencia-se o possível atendimento das finalidades sociais do ensino, de preparação dos alunos para enfrentarem as exigências da sociedade, de inseri-los no processo global de transformação social e de oportunizar a participação no meio cultural presente nas varias esferas da sociedade. Simultaneamente, pode vir a favorecer uma atitude mais responsável do aluno a medida que ele assume o estudo como sendo um dever social. Exercendo a sua função didática, a avaliação contribui para a assimilação e fixação, pois a correção dos erros cometidos possibilita a ampliação de conhecimentos e habilidades, e, conseqüentemente, o desenvolvimento das capacidades cognoscitivas do aluno.

A função de diagnóstico nos permite identificar o nível dos progressos e dificuldades dos alunos, como também a atuação do professor, que por sai vez poderá melhor cumprir sés objetivos. A função diagnóstica possibilita a avaliação do cumprimento da função pedagógico-didática e também dá sentido à função de controle. A avaliação diagnóstica ocorre durante todo o período de desenvolvimento das aulas ou unidades didáticas, ou seja, ela ocorre no inicio para a sondagem de conhecimentos e experiências já disponíveis que irão auxiliar na seqüência da unidade didática; durante o processo de transmissão e assimilação é feito o acompanhamento do progresso dos alunos e ao mesmo tempo fornece informações sobre como ele esta conduzindo seu trabalho; por fim, possibilita a avaliação dos resultados da aprendizagem no final de uma unidade didática, por exemplo.

A função de controle se refere aos meios a à freqüência das verificações e de qualificação dos resultados escolares, possibilitando o diagnóstico das situações didáticas.

Essas funções atuam de forma interdependentemente, não podendo ser consideradas isoladamente. Sempre é necessário estarem interligadas.

1.4. Perspectivas da avaliação escolar

Segundo Romão a avaliação classificatória enfatiza a permanência, a estrutura, o estático, o existente e o produto, destaca a importância das medidas de dimensões ou aspectos quantificáveis, rechaçando na maioria das vezes, as descrições qualitativas, por sua subjetividade viciadora da autenticidade da expressão dos desempenhos, considera ainda a importância da periodicidade do processo de avaliação e de registros de seus resultados, especialmente nos momentos de terminalidade – no caso da avaliação da aprendizagem, ao final de aula, de uma unidade ou conjunto de unidades, de uma série ou de um curso, por ter uma função classificatória, a avaliação deve sempre se referenciar em padrões (científicos ou culturais) socialmente aceitáveis e desejáveis, portanto “consagrados universalmente”. O que importa é o produto, o resultado de determinado desempenho do aluno em relação a conhecimentos, habilidades e posturas reconhecidos por sua “desejabilidade”, a preocupação demasiada com o tratamento técnico e estatístico dos resultados.

Os professores entendem que na prática, ainda hoje, avaliar é: dar notas, fazer provas, registrar notas, conceitos, etc. Assim, utilizam dados comprováveis na medida em que é mais fácil atribuir aos alunos médias de resultados obtidos em exames. As notas/conceitos dos educandos são decorrentes do termo medida em que os professores medem os vários atributos dos objetos e fenômenos como ressalta Hoffmann.

O instrumento de avaliação mais utilizado, neste enfoque, é a prova os objetivos da aprendizagem são distorcidos e muitas vezes são marcados para castigar os alunos e ameaça-los a reprovação. Isso tem denominado em muitas escolas para pegar os alunos desprevenidos, causando assim medo, ou melhor, pânico entre os educandos.

Segundo Hoffmann (2000, p 95):

Conceber e nomear o 'fazer testes', o 'dar notas', por avaliação é uma atitude simplista e ingênua! Significa reduzir o processo avaliativo, de acompanhamento e ação com base na reflexão, a poucos instrumentos auxiliares desse processo, como se nomeássemos por bisturi um procedimento cirúrgico.

Desse modo, a avaliação se torna uma razão de controvérsias entre educando e educadores, havendo uma enorme diferenciação entre educar e avaliar. É algo que perde o sentido de que a avaliação é essencial à educação, uma vez que esta oportunize uma reflexão sobre a ação educativa.

A avaliação no processo quantitativo, muitas vezes não há um trabalho em cima dos erros dos educandos. Os professores voltados para essa prática tradicional abordam a ação avaliativa como garantia de um ensino de qualidade. Contudo, a avaliação classificatória faz com que o conhecimento continue sendo fragmentado, o que impede de manter uma relação interativa entre docentes e discentes a partir da reflexão conjunta.

Desse modo, é necessário que a avaliação seja repensada para que a qualidade do ensino não fique comprometida; o educador deve ter o cuidado nas influências nas histórias da vida do aluno e do próprio professor para que não haja, mesmo inconscientemente, a presença do autoritarismo e da arbitrariedade que a perspectiva construtivista tanto contra ataca.

Segundo Hoffmann, avaliar nesse novo "repensar da avaliação" exige oportunidades de ação e reflexão, num acompanhamento permanente do professor e este deve propiciar ao aluno em seu processo de aprendizagem, reflexões acerca do mundo, formando seres críticos libertários e participativos na construção de verdades formuladas e reformuladas, para a transformação da sociedade para uma sociedade mais justa.

De acordo com a LDB, lei nº 9394/96, a avaliação escolar visa de acordo com o art. 24, inciso V:

Uma avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais; A possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar; A possibilidade de avanços nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado; O aproveitamento de estudos concluídos com êxito; A obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino e seus regimentos.

A avaliação escolar é um processo pelo qual se observa se verifica, se analisa, se interpreta uma determinada construção do conhecimento, situando-o concretamente quanto os dados relevantes, objetivando uma tomada de decisão em busca da produção humana. Segundo Luckesi, para avaliar é necessário conhecer o nível de desempenho do aluno em forma de constatação da realidade, comparar essa informação com aquilo que é considerado importante no processo educativo e tomar as decisões que possibilitem atingir os resultados esperados.

Neste sentido, é de extrema importância a definição dos critérios de seleção pelo professor, dos itens mais importantes, e a partir disso, informar aos alunos, pois a avaliação só será eficaz quando for contínua, provocando o desenvolvimento e interesse do educando. O importante é que o educador utilize o diálogo como fundamental eixo norteador e significativo papel da ação pedagógica, transformando o processo avaliativo, numa visão "otimizada" pelos educandos, fazendo com que este seja uma conseqüência de um determinado conhecimento construído.

Infelizmente, a política do processo avaliativo, em pleno século XXI ainda utiliza-se de instrumentos com ênfase quantitativa em detrimento da qualitativa, ao invés de buscar um ponto de equilíbrio entre ambas, dando a cada uma o peso necessário. Exemplos disso são o que temos como modelo de Avaliação da Educação Superiores: o chamado Provão (Exame Nacional de Cursos); o SAEB: (Sistema de Avaliação da Educação Básica) no Ensino Básico; o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) no Ensino Médio e a GED (Gratificação de Estímulo a Docência) destinada aos professores do Ensino Superior, implementados pelo MEC. E principalmente o vestibular que não é um processo de

inclusão, mas sim, de exclusão, que quando fazemos a inscrição é sabendo que são inúmeras pessoas para apenas poucas vagas.

Além disso, a escola forma um tipo de aluno segundo certos padrões de comportamento, caráter e integração social, as práticas avaliativas que estão sendo realizadas em algumas escolas são momentos de discriminação da classe popular no sistema de ensino, a igualdade de oportunidades passa a ser ilusão. Um exemplo bem claro dessa ilusão é o currículo nacional que tem uma ideologia no sentido de transmitir idéias de um determinado grupo, só que na hora de difundir as idéias são transmitidas como se fossem de toda a sociedade, o mesmo acontece na escola, há uma seleção de grupos e de conteúdos.

Santomé (1996) se interroga sobre quem são as pessoas que vão participar dessa tomada de decisões acerca da seleção de conteúdos que visam ajudar as novas gerações a compreender o mundo que as cerca, conhecerem-lhe sua história, promover valores e utopias. Em tais decisões é que se faz sentir o poder político, econômico, cultural e religioso. Esse é o momento em que se incluem ou excluem etnias, grupos sociais desfavorecidos e marginalizados de mulheres, trabalhadores, pessoas de terceira idade, os pobres, os mais desvalidos, os homossexuais e lésbicas, o mundo rural, meninos e meninas, adolescentes e aqueles que caracterizam o assim denominado Terceiro Mundo. Nessa inclusão/exclusão, segundo o mesmo autor, funcionam os materiais didáticos e livros-texto que materializam as propostas curriculares e o processo avaliativo.

Segundo Enguita (1989) passa a ser um espaço social que antecipa as relações sociais da sociedade. No cotidiano da escola, o para quê avaliar, significa distinguir os bons dos maus alunos, "respeitando as diferenças individuais", capacitar os alunos para que os mesmo sejam capazes de fazer concursos seletivos, quantificar quantos têm condições de aprender e a escola contribui para a redução do número de competidores no mercado de trabalho.

Frente a essa realidade é preciso um posicionamento pessoal, responsável e radical de um sujeito comprometido com a construção de "uma sistemática de avaliação que vise o

aperfeiçoamento da qualidade da educação, isto é do ensino, da aprendizagem e da gestão institucional, com a finalidade de transformar a escola atual em uma instituição voltada e comprometida com a aprendizagem de todos e com a transformação da sociedade em uma sociedade realmente democrática” como afirma Belloni (1999, p. 36) Isso requer sujeitos conscientes de si e de que uma educação de todos e para todos é possível.

Romão descreve a avaliação diagnóstica e suas características como um exemplo de possíveis sujeitos conscientes de si. Para o autor a avaliação diagnóstica reforça a mudança, a mutação, a dinâmica e o processo, apenas a auto avaliação ou a avaliação interna são legítimas, de uma maneira vaga essa avaliação refere-se à exclusividade ou predominância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, rejeitando qualquer passo mensurador de dimensões e realidades quantificáveis. A avaliação da aprendizagem deve ter sempre uma finalidade exclusivamente diagnóstica, ou seja, ela se volta para o levantamento das dificuldades dos discentes, com vistas às correção de rumos, à reformulação de procedimentos didático-pedagógicos, ou até mesmo, de objetivos e metas, quando se permite fazer comparações, ela o faz em relação a dois momentos diferentes do desempenho do mesmo aluno: verificação do que ele avançou relativamente ao momento anterior de um processo de aprendizagem, vê a avaliação como um processo contínuo e paralelo ao processo de ensino-aprendizagem. Por isso, ela é permanente, permitindo a periodicidade apenas no registro das dificuldades e avanços do educando relativamente às suas próprias situações pregressas. Neste sentido Hoffmann diz que a avaliação mediadora exige a observação individual de cada aluno, atenta ao seu momento no processo de construção do conhecimento.

De acordo com Luckesi a avaliação atravessa o ato de planejar e de executar, é o ato crítico que nos subsidia na verificação de como estamos construindo o nosso projeto e se faz presente não só na identificação da perspectiva político-social, como também na seleção de meios alternativos e na execução do projeto, tendo em vista a sua execução, a avaliação deverá ser assumida como instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem.

Ainda na visão de Luckesi (1997, p 58) a avaliação deveria ser um “momento de fôlego” na escalada para em seguida, ocorrer a tomada da marcha de forma mais adequada e nunca um ponto definitivo de chegada, especialmente quando o objeto da ação avaliativa é dinâmico como, no caso, a aprendizagem. Portanto, a avaliação é um processo dinâmico de acompanhamento da aprendizagem, repleta de responsabilidades sociais e éticas na educação.

Assim, a construção de uma cultura de avaliação institucional que proporcione o aprimoramento da gestão pedagógica e administrativa seja das instituições escolares ou dos sistemas educacionais é algo possível, se fizer parte do compromisso ético, cultural, social, político, filosófico, afetivo, individual dos sujeitos sociais envolvidos no processo avaliativo-educativo em qualquer instância, de tal modo que a avaliação cumpra o seu papel social, cultural, político e ético na democratização da educação.

Contudo, há de se caminhar rumo à efetivação de propostas avaliativas que consigam tanto localizar, precisamente, as questões e sua interferência no aprendizado de determinada organização, curso, indivíduo tanto como entender, compreender, interpretar, sentir, dimensionar a intensidade de tais questões, preservando a viabilidade política e ética nas decisões a serem tomadas.

Não se trata de lançar fora tudo que se produziu na concepção tradicional quantitativa, mas é justamente aí que reside o desafio maior, partindo dela de modo à re-aproveitar ou re-significar o que tem de bom a oferecer indo além, de maneira tal que a avaliação consiga cumprir o seu papel de instrumento de melhoria, inclusão, democratização e transformação da educação e da sociedade.

CAPITULO II

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Discutir junto aos professores as concepções de avaliação, como forma de melhorar o processo de ensino-aprendizagem e apresentar instrumentos de avaliação escolar e formas de avaliar mais adequada aos aspectos cognitivos, intelectual e individual dos alunos.

O Centro Educacional do SESC LER oferece educação para jovens e adultos, sua proposta pedagógica trabalha a avaliação na perspectiva essencialmente construtivista – qualitativa.

O universo desta pesquisa foi constituído por: dois professores de alfabetização; dois professores do ciclo I (equivalente à 1ª e 2ª séries do ensino fundamental) e, dois professores do ciclo II (equivalente à 3ª e 4ª séries do ensino fundamental). Desse modo, a amostra de estudo será composta por seis professores do ensino fundamental educação de jovens e adultos.

Utilizamos como instrumento de coleta de dados o: Questionário - aplicado à totalidade da amostra, inicialmente foi construído o perfil dos professores, pois acreditamos que este fator poderá influenciar na sua concepção a cerca do tema estudado, e, consecutivamente nos resultados desta pesquisa. Em seguida o questionário com perguntas abertas e fechadas, nos possibilitará uma análise aprofundada sobre a avaliação.

Os dados coletados por meio do questionário foram analisados tendo como base os conhecimentos teóricos; as concepções e funções da avaliação escolar. Deste modo é possível ser feita uma análise do processo avaliativo dos professores deste Centro Educacional.

2.1 Breve caracterização da instituição escolar

O centro Educacional Isaac Moreira de Queiroga – SESC LER, está localizado na rua João Vieira de Almeida, s/nº, Conjunto Raquel Gadelha, na cidade de Sousa/PB. O Centro Educacional Isaac Moreira de Queiroga foi inaugurado em 31 de janeiro de 2005. A escola tem em sua estrutura física uma área em extensão de 850,00 m². É uma empresa de direito privado, sustentada pela classe comercial do país.

O centro e Educacional Isaac Moreira de Queiroga – SESC LER, visa alfabetizar jovens e adultos combinando sua ação educativa com outras atividades na área de lazer, cultura, saúde e assistência. E ainda, desenvolve o Programa de Habilidades de Estudo – P.H.E, que trabalha o reforço escolar de crianças matriculadas em escolas públicas da cidade de Sousa/PB.

Atualmente, a escola funciona com uma sala polivalente (modificada de acordo com a necessidade da escola), 01 refeitório, 01 cantina; 03 banheiros, 01 coordenação, 03 salas de aula, 01 biblioteca, jardim e quadra de futebol de campo gramado.

O corpo administrativo e de apoio da instituição consta de 15 funcionários, sendo 01 encarregada administrativa, 01 coordenadora pedagógica, 06 professores, 01 assistente administrativo, 02 auxiliares de serviços gerais, 03 vigias e um estagiário.

A escola funciona nos três turnos, no turno da manhã com 75 alunos na Educação Infantil (programa de habilidades de estudo – reforço escolar); no turno da tarde e noite com três turmas de EJA com 25 alunos em cada turma, distribuídos na alfabetização, ciclo I (referente a 1ª e 2ª séries do Ensino fundamental), e ciclo II (referente a 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental).

A escola disponibiliza em recursos materiais: 03 birôs; 90 carteiras e cadeiras de estudante; 03 estantes (uma em cada sala); 06 mesas com 42 cadeiras (na biblioteca); 04 armários arquivos; 01 televisor 19p; 01 dvd; 01 vídeo, 01 parabólica; 02 botijões, 01 geladeira, 01 freezer, 01 fogão industrial; 03 quadros de giz; 01 liquidificador industrial,

caixa de som amplificada, aparelho de som, 04 bebedouros, panelas, pratos de vidro, conchas, copos e etc.

Diariamente a escola disponibiliza em sua biblioteca, o acervo diversificado de obras literárias e didática dentre outros livros para todos os alunos, serve lanche escolar em todos os turnos, disponibiliza diariamente a assistência á TV e jogos de salão durante os intervalos da aula.

CAPITULO III

3 . ANÁLISE DOS DADOS

A questão da avaliação escolar é de extrema complexidade. Há décadas é analisada pelos estudiosos da área. Até o momento, não existem conclusões definitivas sobre o assunto, ainda que criativas modalidades avaliativas tenham sido formuladas no decorrer do tempo. Sabemos, porém, que existe um consenso: avaliar é preciso e inevitável. A avaliação é indispensável para o processo ensino-aprendizagem e o alcance dos objetivos de ensino.

A verdade é que a avaliação escolar, independentemente de suas funções, sempre caminha de “mãos dadas” com a prática de ensinar e suas modalidades. Assim, avalia-se segundo a concepção pedagógica, implícita ou explícita, que o professor e a escola carregam consigo.

Deste modo, procuramos através deste trabalho, refletir acerca da avaliação levando em conta a prática de ensino e a concepção pedagógica dos professores do Centro Educacional Isaac Moreira de Queiroga. Para tanto, faz-se necessário, a priori, uma análise do perfil dos entrevistados, o que se procede da seguinte forma:

Dos professores entrevistados nesta pesquisa 43% tem a idade entre 20-25 anos e 57% entre 30-35 anos. Quanto ao sexo, 86% são do sexo feminino e 14% do sexo masculino. Em relação ao tempo de serviço 28% atuam de 0-5 anos; 28% atuam de 5-10 anos; e 29% atuam de 10-15 anos respectivamente e 15% atuam nesta profissão durante o tempo de 15-20 anos. Os sujeitos desta pesquisa, em 100% possuem cursos de nível superior sendo 57% em pedagogia; 28% em história e 14% em letras.

A grande maioria dos professores desta instituição mostram-se bem próximos e a favor da avaliação, (85%) afirmaram que gostam de avaliar seus alunos. E (15%) não respondeu.

Vejo a avaliação como um recomeço, uma maneira (caminho) dos sujeitos da aprendizagem descobrirem estratégias que possam acrescentar na construção do conhecimento que pode ser um ato coletivo ou individual. Avaliar jamais deverá ser uma prestação de conta! (Professor A)

A avaliação é um instrumento de aprendizagem, a qual nunca acaba, pois está em constante renovação. É algo comum que propicia o desenvolvimento do aluno e do professor, por isso não deve ser uma obrigação.

Observamos que 100% dos professores que afirmaram gostar de avaliar, 28% justificam esse “gostar” pelo fato de que a avaliação possibilita o diagnóstico do desenvolvimento discente; 28% afirmam que permitem que o professor saiba até que ponto seus objetivos foram alcançados ou não; 29% defendem que gostam da avaliação porque ela possibilita caminhos para novas estratégias de ensino; e, outros 15% não responderam por que gostam de avaliar.

Neste sentido, a avaliação, é um processo de coleta e análise de dados, tendo em vista verificar se os objetivos propostos foram atingidos, tanto no que diz respeito à aprendizagem dos alunos, como ao objetivo proposto pelo professor, e posteriormente, fazer com que este reflita a cerca de sua prática para que transforme ou mude sua estratégia de ensino por outra mais adequada.

Ao perguntarmos quem, quando e como avaliam seus alunos, 100% afirmaram que professor e aluno participam do processo avaliativo da escola, os outros segmentos não participam 100% do processo avaliativo da escola. Dentre esses professores, 100% responderam que avaliam seus alunos diariamente. E utilizam (em %) na avaliação, instrumentos tais como: atividades em sala de aula e discussões (40%); trabalho individual (25%) e trabalho em grupo (20%) e prova escrita (15%). E em sua maioria levam em conta em sua avaliação, a participação e interesse do aluno, domínio de conteúdo, frequência e criatividade.

Os professores demonstram com suas afirmações, estarem mais ligados á uma concepção pedagógica mais moderna, onde a educação é concebida como experiência de

Deste modo, a escola, ao levar em conta a experiência de vida, assume-se como um espaço de direito do cidadão e como um espaço onde atuam sujeitos sócio-culturais e históricos que se formam mutuamente através das relações sociais. Dessa maneira, apóia-se no fato de que a escola é educativa por si mesma, pelas circunstâncias de seu relacionamento com a sociedade, sendo educativa em sua dinâmica, em sua forma de avaliar, de ensinar e aprender e na organização de seu trabalho.

Assim, concordando com a avaliação realizada nesta escola, os professores a definem das mais diversas formas: Para o professor A “é um caminho dos sujeitos descobrirem estratégias que possam acrescentar na construção do conhecimento”. Para o professor B “avaliar é diagnosticar; C) é a forma de obter segurança sobre o processo ensino-aprendizagem”. Para o professor D “é um processo integrante de qualquer planejamento que objetiva avaliar o nível de desempenho atingido pelos alunos”. Para professor E “é um instrumento utilizado pelo educador que dá a possibilidade de detectar a aprendizagem e dificuldades do aluno e também dar condições ao professor de avaliar sua metodologia”. Para o professor F “é uma forma de analisar os resultados de trabalho executado oportunizando descobertas”. Para o professor G “é um processo amplo que permite um “raio x” das situações e deve ser colocada como um instrumento que favorece e nunca que pune”.

Neste contexto, podemos ver que são várias as concepções atribuídas à avaliação. Entretanto, todas aparecem como algo que vem favorecer o processo de ensino, pois todas visam primeiramente um diagnóstico para a posterior correção do que vem sendo incoerente para uma forma mais justa e adequada possível.

O ato de avaliar fornece dados que permitem verificar diretamente o nível de aprendizagem dos alunos, e também, indiretamente determinar a qualidade do processo de ensino. Ao avaliar o progresso de seus alunos na aprendizagem, o professor pode obter informações valiosas sobre seu próprio trabalho. Nesse sentido a avaliação tem uma função de retroalimentação, porque fornece ao professor dados para que ele possa repensar e [re]

planejar sua atuação didática, visando aperfeiçoá-la, para que seus alunos obtenham mais êxito na aprendizagem.

Partindo dessas questões acima, podemos notar a grande importância da avaliação, a qual também foi apontada e enumerada pelos professores da seguinte forma: A) Rever o progresso e regresso do processo educacional, tendo todos como co-responsáveis [...] na formação geral do ser, como cidadão; B) Perceber as falhas, avanços e progressos dentro o âmbito escolar; C) Sem a avaliação não é possível a obtenção convicta dos resultados para ser trabalhado as dificuldades dos alunos; D) A avaliação tem sua importância quando acontece de forma contínua [...] a avaliação cumpre a função de traçar um perfil daquilo que foi conseguido; E) Nos dá a oportunidade de conhecermos os alunos e adequarmos o nosso trabalho a eles de forma a superarmos as dificuldades e erros e construirmos conhecimento; F) Possibilita uma análise global onde devemos considerar como marco de grande importância: a auto avaliação; G) É fundamental para o sucesso de qualquer ação humana.

Podemos observar que a avaliação é muito importante dentro do processo de ensino, pois é ela quem orienta o percurso da aprendizagem e da estratégia de ensino do professor, e, além disso, é fundamental para as ações humanas. Avaliar é algo do nosso cotidiano, a fazemos diariamente, e em inúmeras situações.

Contudo, os professores tratam da importância da avaliação com o caráter e dimensão de orientação, pois permite que o aluno tome consciência de seus avanços e dificuldades, para continuar progredindo na construção do conhecimento. Pois neste caso, o educando será de fato um ser ativo e dinâmico, que participa da construção de seu próprio conhecimento.

Os professores defendem as suas práticas avaliativas, uma tendência construtivista, avaliam seus alunos ao longo do ano, considerando-se os diversos aspectos, gradualidade da aprendizagem e criativa apreensão do conhecimento. Avalia-se qualitativa e quantitativamente, o que para eles significa (quantitativa: medir, quantificar e atribuir resultados; qualitativa: Desloca o foco do “Quanto” para “como” o aluno aprende, considerando o aluno sobre diversos aspectos). E também focalizam sempre o respeito às

características individuais e o meio em que o educando vive. Assim, afirmam que a avaliação deve ser integral considerando o aluno como um ser total e integrado e não de forma fragmentada.

Por trabalharem com pessoas carentes e de bairro periféricos, os professores desta escola defendem a necessidade de uma concepção de avaliação escolar que atenda às necessidades das camadas mais populares, e, afirmam que é esta camada da sociedade que mais sofre com o modelo da escola atual, pois esta vem utilizando um modelo avaliativo excludente à medida que os alunos são considerados aprovados ou reprovados. O resultado da avaliação é considerado, portanto, como uma sentença, um veredicto oficial da capacidade daquele aluno que fica registrado e é perpetuado para o resto de sua vida. O pior é que muitas vezes o resultado não revela de fato o que o aluno aprendeu.

O que se deve existir, é a eterna revisão da concepção de avaliação, é rever, sobretudo as concepções de conhecimento, de ensino, de educação e de escola, onde se possa criar uma concepção de avaliação que priorize a formação e conscientização do cidadão, e, a partir disso, transformar a sociedade atual rumo a uma sociedade cada vez melhor.

CAPITULO IV

4 . ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A avaliação é o procedimento docente que atribui símbolos á fenômenos cujas dimensões foram medidas, a fim de lhes caracterizar o valor, por comparação com padrões prefixados.

Contudo, existe uma série de discussões entre estudiosos em torno do que seja avaliação escolar em busca de um conceito mais abrangente e preciso sobre esta temática. O que na verdade existe, é uma grande diversificação das concepções pedagógicas assumidas.

Avaliar é julgar ou fazer apreciação de alguém ou alguma coisa, tendo como base uma escala de valores [ou] interpretar dados quantitativos e qualitativos para obter um parecer ou julgamento de valor, tendo por base padrões ou critérios. (Haydt, 1988, p.10)

Essa definição demonstra claramente a visão classificatória do autor, pois como afirma acima, considera a avaliação como um julgamento de valor, com base em padrões tomados previamente como referência.

Os sujeitos desta pesquisa demonstram não concordarem com esta concepção de avaliação, pois sempre carregam em seus discursos a idéia de que a avaliação é mais complexo e abrangente que uma mera classificação e atribuição de valores. Podemos reafirmar essa idéia fazendo referência ao pensamento do professor E: “A avaliação é um instrumento utilizado pelo professor para conhecer todo o processo de ensino-aprendizagem, dando a possibilidade de detectar a aprendizagem e as dificuldades de nossos alunos [...]”.

A avaliação, não é algo tão simples e com a finalidade única de classificar. Ela serve de método pelo qual podemos detectar a aprendizagem e as dificuldades do aluno, bem como a própria prática do professor.

Durante as discussões observamos que a avaliação é um instrumento utilizado pelo educador para conhecer todo o processo de ensino-aprendizagem o que permite detectar, diagnosticar e solucionar os problemas e as dificuldades existentes na educação, dando ao professor subsídios para que o mesmo repense sua prática educativa intencionando melhoras nas condições de ensino. Assim sendo, a avaliação deve ser considerada sempre como um instrumento de aprendizagem e não de cobrança. Assim afirma o professor C: “Sem a avaliação não é possível a obtenção convicta dos resultados para ser trabalhada as dificuldades dos alunos”

Desse modo, a avaliação é de grande importância ao processo educacional, tanto no que tange as dificuldades dos alunos, do próprio processo de ensino, da prática pedagógica do professor e de todos envolvidos no âmbito escolar. A avaliação deve ser contínua e interativa entre todos os sujeitos participantes da avaliação, um processo de troca e de aprendizagem mútua.

A avaliação tem sua importância quando ela acontece paralelamente aos estudos desenvolvidos, ou seja, quando ela se dá de forma contínua. Dessa forma, na medida em que um determinado assunto é ministrado a avaliação cumpre a função de traçar um perfil daquilo que foi conseguido. Se não foi conseguido a avaliação também abre a possibilidade de traçar novas estratégias para a aprendizagem. (professor D)

O educador deve planejar levando em conta o contexto real de sua sala de aula. Para conhecer o “aluno real”, se faz necessária uma avaliação diagnóstica, que dirá quem são esses indivíduos, qual é sua perspectiva histórica e cognitiva. Em seguida o professor poderá verificar se os seus objetivos pretendidos foram atingidos, e com isso, poderá repensar sua prática e dar um parecer sobre o aluno.

Percebemos mediante as discussões dos professores, durante as reuniões realizadas no decorrer deste trabalho, que eles encontram certa semelhança entre a avaliação que desenvolvem na escola com a avaliação diagnóstica. Assim, afirmam que a avaliação permite-lhes, a partir do diagnóstico, um melhor conhecimento do aluno e

consequentemente uma possível adequação do seu trabalho aos alunos na tentativa de superar as dificuldades e erros rumo a construção do conhecimento.

Os professores demonstraram em seus discursos uma grande concordância com a avaliação dialógica, conforme a fala do professor G: “A avaliação é um processo amplo, que permite um “raio-x” das situações e deve ser colocada sempre como um instrumento que favorece e nunca como algo que pune.”

Neste sentido o professor C, coloca que “[...] A avaliação é contínua e constante, um processo de troca diária entre professor e aluno”.

Portanto, a avaliação tem a função prognóstica, diagnóstica e classificatória, onde é evidenciada a forma de construção de escalas de valores com as quais serão analisados os desempenhos dos alunos e desta forma, a avaliação deixará de ser um processo de cobrança para se transformar em um momento de aprendizagem.

Apesar destas semelhanças existentes entre as características da avaliação, os professores afirmaram que não é possível trabalhar um único tipo de avaliação, pois em todo o processo avaliativo o professor atribui até mesmo mentalmente, valores e adjetivos aos alunos, o que o impede de seguir unicamente com a avaliação qualitativa ou quantitativa.

Os professores por unanimidade, concordam com o processo avaliativo apresentado pelo professor B:

Concordo com o processo avaliativo de nossa escola, pois o que nos importa é preparar o indivíduo para a vida, ampliando sua visão de educando mediante os conteúdos vistos em sala, ou seja, não precisamos conduzir nossos alunos a decorar fórmulas, mas sim ajudá-los na construção do próprio conhecimento.

Deste modo, não se trata mais de decidir sobre "quem passa" ou "quem não passa", quem tirou maior nota ou como os alunos se classificam com base no desempenho nas

provas aplicadas. O que se pretende realmente é saber o quanto está sendo proveitosa à experiência escolar para cada aluno, o que e como cada um deles aprendeu quais os métodos e as circunstâncias mais favoráveis ao seu desenvolvimento e que progressos ocorreram que habilidades, competências e interesses demonstram ter e que necessidades e deficiências podem ser constatadas e precisam ser atendidas ou supridas.

Porque o processo avaliativo da escola abandona uma avaliação classificatória, a base de nota, buscando trabalhar na perspectiva de uma avaliação que considera todo o processo de aprendizagem e crescimento do aluno. (professor E)

Evidentemente, não se trata de desclassificar definitivamente as “provas” como um dos instrumentos de avaliação, mas sim a maneira como são aplicadas, pois do jeito que muitas escolas encontram-se, as “provas” tornam-se às vezes irrelevantes, na medida em que as questões não foram preparadas adequadamente, com base em objetivos bem definidos, a partir de conhecimentos teoricamente assimilados pelos discentes. Podemos dizer que, justamente por relacionar os alunos com base no bom ou no mau aproveitamento, é que essas “provas” recebem o nome de classificatórias, isto porque avaliam o aluno de acordo com o seu desempenho num determinado momento apenas, em comparação com os resultados do conjunto da classe, sem que o discente, muitas vezes, tenha a oportunidade de expor seus pontos de vista sobre suas respostas. Isto, segundo depoimentos dos professores é o que deve ser desclassificado durante a avaliação. Defendendo o abandono “das notas”, buscando trabalhar na perspectiva de uma avaliação mais ampla que considere a educação e o aluno como um todo.

Os professores trabalham a avaliação em seu contexto mais amplo, e, afirmam que o seu propósito é o de assegurar aos alunos as condições para que possam aprender aquilo que é indispensável à sua formação enquanto seres humanos, enquanto cidadãos e enquanto profissionais.

Neste sentido, afirmam durante as discussões que já não se pode mais esperar que um bom professor seja “o professor capaz” de elaborar “boas provas”, apenas isso já não é mais suficiente. O “bom” professor deve fazer com que seus alunos, tenham sensibilidade para perceber mudanças e que tenha compromisso com o seu desenvolvimento, e, além disso,

que conheça o processo de aprendizagem e de elaboração do conhecimento e que saiba aquilo que vai ensinar e como deve ensinar.

Os professores desta escola defendem que a avaliação seja contínua e favorável ao aluno, em outras palavras, um instrumento, uma ocasião para o seu autoconhecimento e crescimento pessoal, que permite ao professor fazer um diagnóstico do que foi aprendido ou não, identificando os diferentes fatores que possam ter contribuído para os resultados observados. Uma avaliação que também permita ao aluno conhecer o seu modo próprio de ser e de pensar o mundo, os seus sucessos e insucessos. Isso é condição para que, através de um processo de "tomada de consciência", possa tornar-se observável o que antes não tinha significado para ele e, com isso, ultrapassar o estado atual de conhecimento, alcançando outro, mais equilibrado psicologicamente e socialmente.

Contudo, para que haja essa avaliação favorável tanto para os alunos como para os educadores, os professores desta instituição deixam claro em seus discursos, a crença quanto da necessidade de se trabalhar de acordo com as funções da avaliação, as quais segundo Libâneo, são três: a pedagógico-didática, a diagnóstica e a de controle.

A função pedagógico-didática se refere ao papel da avaliação no cumprimento dos objetivos gerais e específicos da avaliação escolar. A função diagnóstica permite identificar progressos e dificuldades nos alunos a atuação do professor que determina modificações do processo de ensino para melhor cumprir as exigências dos objetivos. A função de controle se refere aos meios e a frequência das verificações e de qualificação dos resultados escolares, possibilitando o diagnóstico das situações didáticas.

Ao discutir acerca dessas funções, os professores deixaram bem claro que concordam veementemente com Libâneo (1994 p. 197-198):

As funções atuam de forma interdependentes, não podendo ser consideradas isoladamente. A função pedagógico didática esta referida aos próprios objetivos do processo de ensino e diretamente vinculada as funções de diagnostico e de controle. A função diagnóstica se torna esvaziada se não estiver referida a função pedagógico didática e se não for suprida de dados e alimentada pelo

acompanhamento do processo de ensino que ocorre na função de controle. A função de controle, sem a função de diagnóstica e sem o seu significado pedagógico-didático, fica restringida á simples tarefa de atribuição de notas e classificação.

Assim, os professores mostram-se concordantes com a idéia de Libâneo de que as três avaliações devem ser trabalhadas simultaneamente, isto para uma avaliação mais justa e adequada à realidade dos alunos, pois uma função depende da outra para o seu bom desempenho dentro da educação, e assim, permitir que a avaliação venha contribuir para o crescimento da aprendizagem do aluno, e para o [re] pensar da prática pedagógica do educador.

Apesar dos discursos dos professores concordarem com o pensamento de Libâneo, os professores colocam que o modelo de avaliação utilizado pela maioria das escolas continua por valorizar a função classificatória. E isto, como diz Luckesi em uma de suas palestras: é fazer igual à educação de 400 anos atrás, pois ainda realizamos práticas do século XVI. Elaboramos provas para descobrir quem não sabe, para desqualificar. Os exames são muito mais para qualificar os alunos do que para diagnosticar a aprendizagem.

Diante disso podemos nos perguntar: por que isto ainda perdura por tantos anos? A verdade é que nós vivemos numa sociedade burguesa que vem de cima para baixo, onde existem três poderes, o executivo, o legislativo e judiciário, mas o executivo quer predominar e impor uma educação que favoreça os seus ideais. Adota-se uma pedagogia tradicional pontuada em idéias em que o ser humano é dado como pronto, não entende que pode haver mudanças ou melhoras.

O ser humano não é pronto, é um ser capaz de se auto construir e crescer. Assim, só uma pedagogia que trabalha com um ser em construção é que trabalha com uma boa avaliação. Tudo vai se aprendendo de acordo com o espaço (físico e psicológico) e o tempo, nós nos movimentamos no espaço e no tempo e nele nos construímos. Mas o que é preciso fazer?

Das discussões com os professores, podemos entender a concordância com o pensamento de Luckesi quando ele afirma que o educador precisa criar um espaço acolhedor para e o educando. Sair da pedagogia estática para a pedagogia construtiva. Ainda segundo Luckesi, para avaliar é preciso: 1) criar um espaço acolhedor (físico e psicológico) para o aluno, seja o aluno gordo, magro, rastafari, punk, não podemos rotular, sem acolhimento não tem educação; 2) nutrir com o saber, com a ciência, o conhecimento, alimentar o ser, senão não cresce nem articula os saberes; 3) sustentar: dar tempo para o aluno fazer as coisas, não cortar o tempo dele, dar tempo e manter; 4) confrontar: nem tudo está certo, nem tudo pode, tem que perguntar ajudar a organizar na medida em que vai se confrontando. O educador deve confrontar amorosamente para não desqualificar, deve sempre haver uma parceria entre educador e educando.

Para avaliar é preciso observar a realidade e para isso é preciso instrumentos que diagnostiquem e não que classifiquem. Seja qual for o instrumento, a diferença vai estar no uso deles. Nossa história pedagógica veio em torno de exames, tudo se resume a exames.

Para avaliar de fato, tem que se mudar essa pedagogia estática, Passar para uma pedagogia que trabalhe a avaliação de modo mais construtivo. Deve considerar a reflexão, a renovação das concepções avaliativas. Deve conhecer as funções prognóstica diagnóstica e dialógica, que tendem a demonstrar tanto a situação do aluno como o acompanhamento do professor, para que estes (em interação) construam juntos os saberes responsáveis pela aprendizagem.

Desse modo, avaliar requer acompanhamento por parte do professor, e este deve ter incentivo e valor, ele deve ter autocrítica e saber inovar, a fim de garantir uma educação com qualidade total do aluno, preparando-o para o mercado e, mais do que isso, para gozar de seus direitos de cidadão inserido na política, economia e cultura da sociedade.

Portanto, é necessária a reformulação do sistema de ensino, a começar pelos administradores e professores. Precisamos quebrar a barreira que existe quanto a essa reformulação, para criarmos um sistema educacional forte, justo e coerente com o que se pretende de um sistema educativo de qualidade, valorizando o professor, o aluno e todos os

envolvidos no processo educacional direta ou indiretamente. Isto de forma a melhorar a situação da educação brasileira, sobretudo no que tange a forma de avaliação, por ser esta, um dos pilares que sustenta a educação.

5. CONCLUSÕES

Este trabalho relata o resultado das análises e reflexões feitas durante os encontros, sobre a avaliação realizada pelos professores do Centro Educacional Isaac Moreira de Queiroga.

Estas análises são construídas objetivando novas discussões e saberes para uma possível concepção inovadora de avaliação escolar, de modo que se busque uma avaliação mais justa e adequada ao sistema de ensino de nosso país.

Contudo, estas análises não se constituem em um estudo definido e completo, mas como um espaço susceptível á mudanças e novos perfis, buscando sempre uma avaliação mais eficiente, eficaz e com uma postura séria diante das dificuldades enfrentadas pelo processo ensino-aprendizagem.

Dentre as conclusões a que se chegou nesse trabalho, no que tange a avaliação escolar realizada pelos professores destas escola, pode-se destacar as seguintes:

- a avaliação envolve todos os seguimentos e pessoas da escola, e é realizada de incluindo a experiência de vida dos alunos,
- excluem-se as provas escritas, e evita-se o máximo possível a utilização de números para verificar a aprendizagem do aluno.
- utiliza a participação, a desenvoltura e o seminário como as principais formas de avaliar seus alunos.
- adotam sobretudo, o tipo de avaliação diagnóstica, porém se apóiam na função dialógica também.
- a avaliação é feita de forma contínua, sendo realizada diariamente durante as aulas.
- trabalham concomitantemente as diversas funções da avaliação.

- adotam uma postura, que pode ser considerada como moderna no que diz respeito a realização da avaliação, a medida que consideram a realidade do aluno e deixam de lado os “números” para a classificação dos alunos, abandonam a visão tradicional de avaliação e mergulham na concepção mais moderna.

De acordo com as discussões, podemos concluir que a avaliação realizada nesta instituição escolar é bem vista pelos professores e orientadores, e esta vêm trazendo até o momento, bons resultados para a aprendizagem dos alunos desta escola.

O estágio supervisionado nesta escola foi de muita importância para os professores, pois estes se mostraram ter enriquecido teoricamente a cerca da avaliação. Os professores, mesmo defendendo a avaliação realizada nesta escola, sentiam a necessidade de discutir a cerca das praticas avaliativas, não disponibilizavam de muitos materiais e textos sobre o tema, e ainda tinham algumas dúvidas sobre a distinção entre avaliação quantitativa e qualitativa, e isso foi bastante trabalhado e esclarecido durante este estágio.

Deste modo, disponibilizamos vários textos a cerca do tema avaliação escolar, e ainda criamos varias situações de discussões sobre o tema, assim, tanto nós na condição de estagiárias do curso de Pedagogia, como os professores desta escola, pudemos nos aprofundar e melhorar nossa visão sobre a avaliação, e assim, os professores tornaram-se mais aptos para resolverem situações cotidianas no que diz respeito à avaliação de seus alunos.

REFERENCIAS

CLARILZA, Prado de Sousa **Avaliação do rendimento escolar/ org.** 2ª ed. Campinas: SP, Papyrus, 1993.

BELLONI, Isaura, **Avaliação Institucional:** um instrumento de democratização da educação. Brasília, Linhas Críticas. Volume 5, nº 9, jul-dez de 1999, pp. 7-30.

BRADFIELD, James M. & MOREDOCK, H. Stewart. **Medidas e testes em educação.** Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1963 (2.v)

GAMA, Zacarias Jaegger. **Avaliação na escola de 2º grau.** Campinas, SP: Papyrus, 1997.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem.** São Paulo, Ática, 1988.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora:** Uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 1995

_____, **Avaliação mito & desafio:** uma perspectiva construtivista. 29ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

_____, **Avaliar para promover:** as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação escolar:** Julgamento ou construção? – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LUCKESI, Cipriano C. **Elementos para Didática no Contexto de uma Pedagogia para a Transformação**. Anais da III CBE. São Paulo, Loyola, 1984.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986

POPHAM, William James. **Como avaliar o ensino**. Porto Alegre: Globo, 1976.

ROMÃO, Jose Eustáquio. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas**. 5ª Ed – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação Emancipatória**. São Paulo: Cortez, 1991.

SOUSA, Sandra Zákia Lian. **Revisando a teoria da avaliação da aprendizagem**. In: SOUSA, Clarilza Prado de (org.). **Avaliação do rendimento escolar**. 2. ed. Campinas, Papyrus, 1993.

DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa: Polêmicas do nosso tempo**. 6. ed. Campinas: Autores Associados.

7. ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SUPERVISÃO ESCOLAR

Caro professor,

Este questionário tem como objetivo coletar informações referentes ao processo de avaliação desenvolvido na Educação de Jovens e Adultos.

Neste sentido, a sua colaboração ao responder o referido questionário é de fundamental importância para o desenvolvimento do nosso trabalho.

Antecipadamente agradecemos a sua colaboração.

QUESTIONÁRIO

Dados pessoais / Formação escolar

- Idade: _____
- Sexo: _____
- Tempo que atua como professor(a) _____
- Formação: () Nível médio. Qual? _____
 () Nível superior. Qual? _____

1) Você gosta de avaliar?

() Sim

() Não

Por que?

2) Quando você avalia seu aluno?

() Diariamente

() Semanalmente

() Bimestralmente

() Semestralmente

() Anualmente

3) Você enfrenta dificuldades para avaliar seus alunos?

Sim

Não

Por que?

4) Quem participa do processo avaliativo?

Diretor

Supervisor

Professor

Aluno

Pais

Outros. Quais?

5) O que você utiliza para avaliar seus alunos?

Prova oral

Prova escrita

Trabalho individual

Trabalho em grupo

Outros. Quais?

6) Quais os aspectos que você considera ao avaliar seus alunos?

Domínio de conteúdo

Frequência

Participação

Comportamento

Interesse

Criatividade

Outros. Quais?

7) Você já participou de estudos acerca da avaliação?

Sim

Não.

Caso sua resposta seja afirmativa, fale um pouco deste estudo.

8) Você concorda com o processo avaliativo da sua escola?

Sim

Não. Justifique

9) Na sua opinião o que é avaliação?

10) Qual a importância da avaliação?

11) O que é avaliação quantitativa?

12) O que é avaliação qualitativa?